
Fenomenologia do Ser-Terra

Werther Holzer¹

 <https://orcid.org/0000-0003-1684-3195>

O livro “Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano”, como nos explica o autor, é resultado de um exercício acadêmico necessário para determinado rito de passagem na Academia, mas não é um exercício qualquer, impõe que se relacione memorialisticamente a trajetória acadêmica do autor. Muitos encaram esta tarefa como um relatório de suas atividades científicas, Eduardo Marandola Jr. (2021), professor da Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas, optou por partir de sua história de vida. Neste sentido esta obra é extremamente oportuna ao catalisar o diálogo com determinado aporte filosófico e conceitual e com coletivos que pensam novos modos de se fazer ciência.

Sua questão, e argumentação, estão claramente apoiadas no que denomina de crises: a do sujeito e a ambiental (eu diria da ruptura do ser-no-mundo), que propõe ser orientada pela circunstancialidade do lugar.

Argumenta que objetiva abordar o lugar como abertura, e não como sítio, tendo a fenomenologia, principalmente o pensamento heideggeriano, como companhia para trilhar os caminhos a serem seguidos, sejam eles diurnos ou noturnos, referindo-se a uma metáfora bachelardiana.

No primeiro capítulo, do qual tratarei aqui com mais vagar, intitulado “Seres em Situação: circunstância e lugar”, esta argumentação se desenvolve a partir de um percurso muito pessoal, mas que dialoga e desdobra questões dos coletivos com os quais se entremeiam as interlocuções e as falas, inicialmente orientadas por Bachelard, ainda que se coloque a tarefa a partir da pergunta: a fenomenologia é uma via para a renovação da ciência para além do esclarecimento e do iluminismo que dissocia o homem do mundo da vida?

Este pensamento noturno aponta para o primado da imaginação, eu diria que como fundamento de uma razão que é relacional e não se baseia na materialidade das coisas e na empiria das relações homem-Terra. O pensamento noturno nos chega, segundo o autor, a Heidegger a partir de Nietzsche, no sentido da superação que incorpora e soma, ou seja,

¹ Possui doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo – USP (1998) e Pós-Doutorado pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2016). Atualmente é Professor Titular da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: werther.holzer@gmail.com.

que avança sobre questões da Modernidade sem abandoná-las, mas as resignificando, a partir da fenomenologia, como desvelamento, abertura, possibilidade. Velam os devaneios noturnos a superação do Iluminismo, a partir dos saltos epistemológicos bachelardianos, onde as possibilidades do fazer científico se dão a partir da superação e do refazimento das questões, ou seja, uma epistemologia em movimento que gera diversos modos de se colocar as perguntas, e na união entre ciência e arte, germinando um questionamento relacional do ser-no-mundo alimentado pela imaginação criadora.

Em Heidegger este pensamento conflui para a *poiesis*, que leva a filosofia e, por que não, as ciências, a refletir sobre a sintonia entre Terra e mundo, o homem na Terra a partir da quadratura. Nestes termos o autor coloca para si a tarefa que seria a do nosso tempo: a de pensar a questão ambiental:

1. Na superação da incorporação da natureza como força produtiva de valor, eu diria na depreciação e extinção do valor de uso e sua redução a recurso, matéria-prima, que só se realiza como valor de troca;

2. Na poética, como revelação do mundo, onde as palavras e as coisas se consubstanciam como fenômeno;

3. Nossa crise existencial, que desde o Renascimento se configura como a sonegação da corporeidade encarnada na Terra e conformada como mundo.

O convite, então, é de refletir sobre estas questões a partir da casa, não apenas como abrigo do corpo em sua materialidade, mas como o lugar que habitamos, ou seja, onde instauramos a Quadratura, com o fogo, que roubado dos deuses pelo homem, submete a terra, a água e o ar, protege o altar doméstico, pilar que sustenta a estrutura da casa, em sua concretude, para muito além de sua materialidade e historicidade. As paredes e o teto que demarcam nosso lugar como lar. Neste sentido, nossa casa se manifesta quando somos-em-situação, ou seja, somos-aí, onde se funda a Terra e se abre o mundo, ou, simplificando, quando se manifesta a geograficidade. Quando, com espanto, descobrimos que existimos porque a Terra resiste às nossas ações. Esta manifestação situacional só existe no compartilhamento, pois só existimos, como muito bem coloca Martin Buber (2001), como eu-tu, desse modo, a geograficidade se expressa, antes de tudo, na linguagem, que nos situa na Terra, a partir da determinação, enquanto seres em movimento, do aqui e do lá.

Acompanho e dialogo com essas reflexões “teóricas” e, porque não, científicas, que confluem para o ser-em-situação, descortinado a partir de cinco crônicas, recurso literário considerado arte menor pois o artifice abandona o sublime em prol de flashes da vida cotidiana. Nada direi sobre estas crônicas, pois antevejo aqui o seu papel, no texto, de reiterar o autor como um ser-em-situação, ou seria em situações, ainda que tendo como referência a situação de outrem. Este ser é pensado a partir de sua vulnerabilidade, que eu

definiria como a medida que somos empáticos ou antipáticos à geograficidade, ou seja, como seres-no-mundo vivenciamos e experienciamos, inarredavelmente o espaço geográfico, eufemismo para dizer a Terra como Gaia, para além de nossos aparatos técnicos e discursos sobre o que é representado e não sobre o que se apresenta, que apenas na aparência nos afastam do atrito não-mediatizado com o ambiente.

Nós olvidamos a morte, mas ela está presente como silêncio, perigo oculto, remetido para as profundezas de nossa consciência, sempre à espreita. Este ocultamento passa por uma dessacralização, por uma despersonalização, por uma deslugarização de tudo que nos negamos ou nos é negado de experimentar em nossa carnalidade, e que, portanto, afastamos de nós, ainda que esteja sob nossos olhos, sem nos esquecermos dos outros sentidos. Assim atenuamos ou ignoramos o impacto da ausência, ao nos recusarmos a nos voltar para as coisas mesmas e nos atermos ao simulacro (como no caso da água encanada que nos falta inesperadamente porque obliteramos o sistema de abastecimento e o regime de chuvas).

O topocídio ocorre em todos os momentos de nosso cotidiano, nos lugarizamos e deslugarizamos em segundos: só percebemos a morte dos lugares quando a sua falta atenta contra a nossa lugaridade e, sim, neste sentido a mobilidade pode tornar mais leve nosso fardo da perda constante dos lugares.

A persistência dos lugares, como observada por Dubos e lembrada pelo autor, pode ser associada à resiliência. Fenomenologicamente pode ser compreendida a partir da trajeção, como proposta por Augustin Berque (2004), ou pela imaginabilidade, como proposta por Kevin Lynch (2003). As espirais de intencionalidades e de ações, mediadas pelas trocas intersubjetivas entre seres-em-situação, dentro de limites muitas vezes amplos, tornam suportáveis as mudanças nas paisagens, leia-se na Terra, impedindo que se deslugarize totalmente, se tornando o abismo angustiante do ideado, do utópico.

Neste sentido, este livro, em consonância com a fenomenologia, aponta que é impossível romper os laços entre homem e natureza, porque de fato são uma coisa só: o ser-em-situação é Ser-Terra, a base de nosso comum-pertencer.

REFERÊNCIAS

BERQUE, Augustin. La trajection paysagère. *In: Hypergeo*: [s. l.], 2014. Disponível em: hypergeo.eu/la-trajection-paysagere/. Acesso em: 23 mar. 2023.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2001.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Fenomenologia do ser-situado**: crônicas de um verão tropical urbano. São Paulo: UNESP, 2021.

Recebido: março de 2023.

Aceito: março de 2023.